



<http://dx.doi.org/10.30681/issn23163933v26n01/2019p349-367>

PARÁFRASE: UM MECANISMO DE ANÁLISE DA SEMÂNTICA DO ACONTECIMENTO

PARAPHRASE: A MECHANISM FOR ANALYSIS OF THE SEMANTICS OF THE EVENT

Danilo Sobral de Souza¹
Adilson Ventura²

Data de recebimento: 15/03/2019

Data de aceite: 25/04/2019

RESUMO: Esse trabalho é um recorte da dissertação de mestrado intitulada “Sentidos de impeachment no caso Dilma Rousseff: uma análise semântica”. Neste artigo, sugere-se uma descrição da paráfrase enquanto mecanismo de análise da Semântica do Acontecimento. Para tanto, são desenvolvidas análises de determinados enunciados a fim de demonstrar o desempenho do parafraseamento e como esse mecanismo pode contribuir para a teoria.

PALAVRAS-CHAVE: Semântica do Acontecimento; Paráfrase; Sentido; Teste. Análise.

ABSTRACT: This work is a cut of the master's thesis titled "Senses of impeachment in the case Dilma Rousseff: a semantic analysis". In this article, a description of the paraphrase as a mechanism of analysis of the Semantics of the Event is suggested. For that, analyzes of certain statements are developed in order to demonstrate the performance of paraphrasing and how this mechanism can contribute to the theory.

KEYWORDS: Semantics of the Event; Paraphrase; Senses; Test. Analysis.

¹ Doutorando em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: danilosobraldesouza@gmail.com

² Doutor em Linguística pela UNICAMP; professor do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL), do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) e do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: adilson.ventura@gmail.com





As descrições sobre paráfrase são muito produtivas e frequentes em diversos ramos da linguística e dos estudos sobre a argumentação. Todavia, na Semântica do Acontecimento (SA), a paráfrase vem sendo utilizada como um mecanismo de análise, uma ferramenta do analista. Guimarães (2011), na análise “Desordem no Congresso”, usa a paráfrase enquanto mecanismo para a análise. Naquele caso, o professor, após descrever a imagem e o enunciado naquele texto, propõe: “[...] podemos nos perguntar sobre a performatividade do enunciado analisado. Como podemos parafraseá-lo? [...]” (GUIMARÃES, 2011, p.63). E segue construindo a paráfrase. Todavia, o autor não descreve o que é, na teoria, parafrasear.

Trabalhos recentes, como a dissertação de mestrado de Lara (2017) também fazem uso desse mecanismo. Em praticamente todas as análises de seu trabalho, a autora lança mão do procedimento de paráfrase, mas não o descreve. Nesse sentido, propomos a descrição de tal mecanismo, tão rico para os estudos semânticos, a partir da análise de imagens que compõem o corpus da dissertação de mestrado de Sobral de Souza (2018). Para tanto, deslocaremos algumas das considerações de Fuchs (1982, 1985).

Fuchs (1982) parte da função metalinguística para descrever o fenômeno da paráfrase. Entretanto, a autora aponta que agregar a paráfrase à função metalinguística pode levar à crença de que parafrasear é uma mera troca de elementos a fim de traduzir um código. A pesquisadora segue descrevendo uma série de possibilidades a respeito da paráfrase. Deixando de lado a questão de ser simples sinonímia frasal, a autora fala de níveis possíveis de interpretação em função dos quais se opera a paráfrase:



Para poder falar do semantismo de X e do semantismo de Y e compará-los, o sujeito S opta necessariamente por um dado nível de interpretação em que se situa o semantismo que ele reconstrói, com exclusão de todos os outros níveis de interpretação possíveis. Isto constitui uma primeira seleção no interior da multiplicidade de semantismos produzidos correspondentes a X e a Y. É, fique bem claro, em função de toda espécie de determinações extralinguísticas, de sua situação e do contexto linguístico, que S retém este ou aquele nível de interpretação. [...] os níveis possíveis de interpretação se encadeiam uns com os outros de modo contínuo; eles vão do mais linguístico (ligado às formas), ao menos literal (a interpretação mais livre) (FUCHS, 1982, p. 127-128)

De acordo com os estudos da autora, a paráfrase não se inscreve apenas no âmbito linguístico. O fato é que o mecanismo depende de parâmetros, os quais, segundo Fuchs (1982), são: o plano locutivo, no qual o foco é a locução; o plano referencial, com foco no referente; o plano pragmático, vinculado à intenção do sujeito; o simbólico, próprio do gênero literário.

Em Fuchs (1985), há uma divisão do conceito de paráfrase em três: paráfrase como equivalência formal entre frases, paráfrase como sinonímia de frases, e, por último, paráfrase como reformulação, sendo essa, a definição mais rica para nós, sobretudo, quando a autora aponta reformulação vinculada à interpretação.

Além dos trabalhos de Fuchs, outros textos apresentam a paráfrase enquanto deslizamento de sentido, efeito metafórico, e polissemia, principalmente em Pêcheux (1993, 2010, 2012) e Orlandi (2001). Eni Orlandi defende que “[...] todo o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos [...]” (ORLANDI, 2001. p. 36). A paráfrase, na relação com a memória, instaura a estabilização dos significados enquanto que a polissemia institui a ruptura dos processos de significação.





Outro conceito interessante é a noção de efeito metafórico, definido por Pêcheux (1993), como “[...] o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual para lembrar que esse “deslizamento de sentido” entre *x* e *y* é constitutivo do sentido designado por *x* e *y* [...]” (PÊCHEUX, 1993. p.96).

Ademais, para Pêcheux, um enunciado pode ser “intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, de deslocar-se discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (PÊCHEUX, 2010, p. 53). O autor defende que “a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ [...] de que sua leitura necessita” (PÊCHEUX, 2012, p. 51).

Todavia, nenhum destes textos basta para descrever o procedimento de paráfrase que pode ser utilizado enquanto um mecanismo de análise da Semântica do Acontecimento, pois, não se trata de pensar como funcionam paráfrases em enunciações correntes, mas como se lançar mão de um procedimento heurístico específico. O que se dá é que em determinados acontecimentos *X* pode ser *Y*, ao passo que em outro, *X* pode ser *Z*. O que define como *X* pode ser parafraseado por *Y* são as relações de sentido estabelecidas no acontecimento, a partir de recortes de memoráveis que permitam tal movimento. Nessa perspectiva, paráfrase está longe de substituição formal de termos por relação de sinonímia, tal qual a tradição textual tem a pensado. Também se afasta do uso puramente pragmático, pois o sentido não tem origem no sujeito.

Ocorre que a paráfrase é parte integrante das relações de sentido do acontecimento que se dão a partir das articulações e reescrituras. A paráfrase é o desenho das relações de argumentação e argumentatividade do acontecimento, isso na medida em que parafrasear *X* por *Y* sustenta, enquanto consequência,



determinada conclusão. A paráfrase é o mecanismo que o analista lança mão para interpretar, ou, em outras palavras, ela é um teste. Em um acontecimento específico, o analista testa as possibilidades de paráfrase para entender os sentidos de determinada enunciação; testa a performatividade do enunciado. Isso significa que, em determinado enunciado, **moradia** pode ser parafraseado por **residência**, ao passo que em outro, **moradia** e **residência** são itens distintos.

Vejamos o exemplo: quatro enunciados foram selecionados para compor esta análise, conforme quadro a seguir. Os enunciados compõem imagens registradas em manifestações positivas e manifestações contrárias ao governo Rouseff. Abaixo veremos um quadro com os enunciados a serem analisados e a imagem 1:

n	Conteúdo	Fonte
1)	Faça amor, não faça Golpe -64 +69	Imagem 1
2)	Democracia sim Golpe não!	Imagem 2
3)	Não é golpe, é só pela incomPeTência eu quero é solução	Imagem 3
4)	Impeachment ã é golpe É lei! / S.O.S. Brasil	Imagem 4

Quadro 1: Lista de enunciados para análise



Imagem 1: Manifestação popular em 31/03/16. Natal (RN).

Ao se levar em consideração o sentido de relação entre enunciados de enunciações correntes, o enunciado (1) remete ao dito “**Faça amor, não faça guerra**” e, portanto, coloca **golpe** como paráfrase de **guerra**. Isso é possível devido ao memorável recortado a partir desse enunciado que foi, entre os anos 60 e 70, a palavra de ordem de milhares de manifestantes que se opunham ao envolvimento dos Estados Unidos da América na guerra vietnamita. Em um país onde se predominava o puritanismo, a “permissividade sexual” teve o seu auge nos anos 70. Acreditando que os valores da sociedade estavam cada vez mais invertidos, surgiu o movimento *hippie*, que impulsionou milhões de jovens a cultuarem o amor livre, o desprendimento ao sistema capitalista, e a criação de um mundo alternativo que fosse contra os valores das instituições existentes. No Brasil, o movimento hippie teve sua ascensão nos anos 70. A frase “Paz e Amor” foi umas das expressões que marcaram o movimento hippie nessa época e que é utilizada ainda nos dias de hoje.



Nessa época, o país era regido por um governo militar: a era da ditadura. O jogo numérico em (1) remonta ao memorável do golpe militar ocorrido no Brasil em 1964 e a um apelo à determinada prática sexual, reforçando a leitura de amor livre em oposição à guerra: **-64** seria um pedido contra um possível golpe, enquanto **+69** seria uma sugestão de aumentar as práticas sexuais, logo que 69 é o nome de determinada posição sexual.



Imagem 2: Manifestação popular em 31/03/16. Goiânia (GO).

O enunciado (2) tem um funcionamento próximo aos sentidos de (1): **golpe** está em relação de oposição à democracia. Pode-se projetar que o sentido de democracia está vinculado a povo, logo que o enunciado está presente em uma faixa que é carregada por dezenas de pessoas.

Nesse caso, a paráfrase possível é que **golpe** está em oposição aos sentidos de povo. Os sentidos de ilegalidade também são reforçados neste enunciado, ao passo que **golpe** é contra o estado democrático de direito, o que poderia permitir a seguinte paráfrase: golpe é contra a democracia, golpe é



impeachment e democracia é povo, impeachment é contra o povo. Há uma relação entre os sentidos de impeachment e da ideia da ilegalidade.



Imagem 3: Manifestação popular em 13/03/16. São Paulo (SP).

(3) remete a sentidos de desconstrução de **golpe** para o **impeachment**, mas também uma suposta justificativa para a admissão do **golpe**: “é só pela incomPeTência”.

O jogo de cores e o destaque nas letras P e T sugerem a ideia de que o processo é contra a incompetência do PT e, portanto, também da presidente Dilma.



Vejamos a próxima imagem:



Imagem 4: Manifestação popular em 15/03/15. Rio de Janeiro (RJ).

Em (4) a desconstrução do sentido de **golpe** é justificada: **Impeachment** é um mecanismo legal, é solução para um país que pede socorro. Neste enunciado, o locutor-militante-contragovernista defende a ideia de que **golpe** está para o ilegal, mas, em hipótese alguma pode ser paráfrase de **impeachment**, sendo este construído discursivamente como legítimo. Em (3) e (4) há certa estabilidade no sentido de **golpe** na condição de mecanismo ilegal. O embate pelo significado é posto na possibilidade do estabelecimento de paráfrase entre impeachment e golpe.

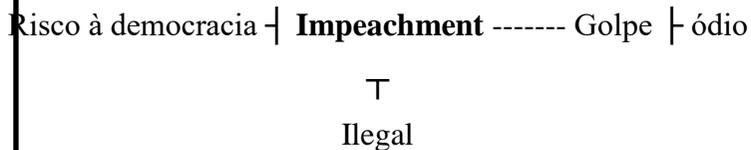
Nota-se, nesta análise, a existência de um jogo enunciativo no qual é constituído um conflito pela atribuição de sentido às palavras golpe e impeachment. Para o locutor-militante-governista, golpe e impeachment são paráfrases de mecanismo ilegal. Para o locutor-militante-contragovernista golpe pode ser paráfrase de mecanismo ilegal, mas não instaura uma relação de paráfrase com impeachment.



Assim, podemos parafrasear (1) e (2) da seguinte forma:

- a) Impeachment é sinônimo de golpe, pois fere a democracia;
- b) Golpe é sinônimo de ódio e democracia é sinônimo de amor;
- c) Impeachment é ilegal.

Nesse caso, podemos pensar que para o locutor-militante-pró-governista, impeachment é paráfrase de **golpe**, além do sentido de ódio e de guerra; **golpe** é também um ato ilegal. Então, pode-se construir o seguinte DSD de impeachment:



Quadro 2: DSD de Impeachment

A paráfrase de (3) e (4) pode ser feita da seguinte maneira:

- d) Impeachment é sinônimo de solução para a incompetência e antônimo de golpe
- e) Impeachment é legal.
- f) Golpe é ilegal.



Sendo assim, o DSD final da análise se dá da seguinte forma:

Impeachment ----- solução para a incompetência do PT

Golpe | ilegal

Quadro 3: DSD de Impeachment

Nos quatro enunciados, **golpe** pode ser parafraseado como um ato ilegal, ao passo que, em dois, **golpe** é paráfrase de **impeachment** e, em outros dois, não pode ser de maneira nenhuma. Os enunciados analisados projetam certa futuridade resultantes da relação entre memoráveis no acontecimento.

Além disso, possibilitam entendimentos distintos a respeito do processo de impedimento da presidente Dilma Rousseff. Essas possibilidades fazem parte do parafraseamento e são consequências deste dispositivo. Parafrasear **golpe** por **impeachment** sustenta a conclusão de que o processo aberto contra o governo Dilma é ilegal e inconstitucional, neste caso.

As paráfrases feitas acima, neste exemplo, devido ao acontecimento e as relações de reescritura e articulação são sustentáveis. Em outras palavras, não existe a possibilidade de assumir que nestes enunciados, **golpe** possa ser interpretado por um dispositivo legal. Não é possível encontrar este tipo de desempenho nos enunciados. Não há probabilidade deste tipo de interpretação, e é neste lugar que a paráfrase é aplicada como um mecanismo de análise. É um teste de desempenho do enunciado.



Parafrasear é, a partir do acontecimento, medir os limites interpretativos. É substituir certo termo por outro pertinente, por outro que demonstre os possíveis sentidos daquele/naquele enunciado e que, de alguma maneira, possibilite sustentar determinados sentidos do acontecimento.

Parafrasear é enumerar argumentos que sustentem sentidos, e conseqüentemente, validam conclusões. A conseqüência da paráfrase é a legitimação de que **x é y** e não **z**, naquele acontecimento.

Nessa análise, as paráfrases em (1) e (2) sustentam argumentativamente a ideia de que impeachment é golpe. Retirar a presidente do poder seria um ato transgressor para a democracia brasileira, ao passo que em (3) e (4), as paráfrases não permitem que essa conclusão seja sustentada.

Por mais que haja uma relação em (1), (2), (3) e (4) no que diz respeito à ilegalidade de golpe, impeachment e golpe são designados de maneira diferente, suas relações de sentido são diferentes.

Para melhor explicitar que o mecanismo de paráfrase se dá especificamente em cada enunciação, lancemos nossos olhares nas duas imagens a seguir. Nesse ponto, temos o objetivo de pensar a respeito dos sentidos da palavra **impeachment** em cada uma das imagens.

Começaremos com capa da *Veja*, edição extra 2474, ano 49, de 21 de abril de 2016, quatro dias após a votação do relatório favorável à abertura do processo de impedimento de Dilma.

Na capa, além do nome da revista, dos dados da edição, o logo da editora e dos dizeres Edição Extra, **IMPEACHMENT** ocupa posição de destaque na parte inferior da imagem, seguido de **SIM 637 X 146 NÃO**.





Uma foto de uma jovem envolta a bandeira do Brasil com expressão sorridente compõe a capa. Há, ainda, a seguinte legenda ao lado do rosto da garota: **Isabella Marquezini, 13 anos, na segunda manifestação popular de sua vida. Avenida Paulista, domingo, 17 de abril de 2016.** Segue a imagem:



Imagem 5: Capa Veja, edição extra 2474, ano 49, de 21 abr. 2016.

A composição da imagem, a bandeira do Brasil, o rosto da jovem pintado nas cores da bandeira, a expressão que seria algo como um grito de comemoração em conjunto com impeachment constroem o sentido de **impeachment** enquanto vitória. Isso é possível, pois o memorável de competições esportivas recortado pelo enunciado-placar SIM 367 X 146 NÃO juntamente com a imagem da garota comemorando alude a esse sentido.



Ao pensar em **impeachment** enquanto vitória pode-se perguntar quem vence. Uma paráfrase crível seria a da vitória do Brasil. Essa paráfrase é aceitável, pois, a imagem que ilustra a capa da revista poderia estampar uma manchete comemorativa de um jogo da seleção brasileira de futebol, na Copa do Mundo da FIFA, por exemplo. Imagine que, em uma partida de futebol, durante a final do campeonato supracitado, o Brasil enfrenta a Alemanha e a vence por 367 a 146. Poderíamos substituir **impeachment** por **É Campeão, SIM** por **Brasil** e **NÃO** por **Alemanha**. A imagem seria muitíssimo pertinente a esse sentido de Brasil vencedor; Brasil campeão. Parafraseia-se, então, o seguinte sentido no enunciado: impeachment é a vitória do Brasil. Temos então, o seguinte DSD:

Vitória do Brasil | **Impeachment**

Quadro 4: DSD de Impeachment

Essa paráfrase sustenta sentidos de que o resultado da votação do processo de impeachment de Dilma pela Câmara dos Deputados foi uma vitória do Brasil, e, conseqüentemente, motivo de comemoração pela sua torcida, neste caso, os brasileiros. Mas somente aqueles verdadeiramente brasileiros, pintados e vestidos de verde-amarelo. A próxima imagem é a capa da edição da revista VEJA edição especial 2455, ano 48, de 09 de dezembro de 2015.



Imagem 6: Capa Veja, edição especial 2455, ano 48, de 09 dez. 2015.

Neste exemplo, não se sustenta a ideia de que **Impeachment** possa ser parafraseado como vitória tal qual na imagem 5. Neste exemplo, o semblante de Dilma Rousseff e a cor preta aludem para um sentido forte de luto, de derrota. Na cultura brasileira, de modo geral, preto é a cor do que representa luto. Interessante, pois, mesmo que os enunciados posicionados na lateral direita da capa façam alusão a um possível sentido positivo de **impeachment**, como em “A euforia dos mercados sinaliza que, sem Dilma, a confiança volta” ou “Por que é indolor no parlamentarismo trocar governante incompetente”, o sentido de **impeachment** enquanto algo negativo é mais forte. O desempenho do enunciado alude ao sentido de luto.



Há, além desses excertos acima, os demais: “Uma ex-cara-pintada e um ex-petista são os autores do pedido”, “Como a Lava Jato pode dar munição aos defensores do impedimento”, “O STJ pode soltar os corruptos e a indignação catalisar o processo”, “Passo a passo do processo que visa a derrubar a presidente”, “porque é falsa a guerra entre Eduardo Cunha e Dilma Rousseff” e “a primeira reação de Collor e Dilma foi a mesma: culpar os adversários”. Todos esses trechos legitimam para o sentido de derrota, derrubada da presidente. Podemos, então ter a paráfrase: impeachment é derrota, e essa paráfrase sustenta a ideia da derrocada de Dilma. O argumento de que o pedido a um ex-membro do partido e uma ex-cara pintada alude a ideia de que o problema é com Dilma e com o PT. Ora, um sujeito saiu do partido, aliou-se com uma ativista da democracia – nesse caso, ex-cara pintada – e se rebelou a ponto de pedir a queda de seus ex-líderes. Esta interpretação é consequência das **paráfrases sustentáveis** neste argumento. O que denominamos aqui enquanto paráfrase sustentável entende-se por ser aquilo que, a partir das relações de sentido que o acontecimento põe à tona, tornam-se possíveis.

As duas imagens são capas da revista Veja. As duas são edições produzidas com o mesmo tema: o processo de impedimento do governo Dilma Rousseff. As duas têm o nome impeachment em destaque sobrepondo uma imagem de um rosto feminino. Na imagem 5, uma mulher comemorando enquanto que a imagem seis traz o semblante preocupado de Dilma. A palavra em destaque é a mesma e usa a mesma fonte, a mesma cor. A diferença é que, na imagem 7, pode-se parafrasear **impeachment** enquanto **vitória**. Na imagem 8, **impeachment** não pode ser parafraseado pelo mesmo termo, seu sentido é muito mais próximo de **derrota**.





Pode-se chegar ao seguinte DSD:

Vitória | **Impeachment** | Derrota

Quadro 5: DSD de Impeachment

Nesse caso, pode-se dizer que o mesmo termo pode ter sentidos opostos, e, por isso, suas paráfrases não são as mesmas. Isso elimina a ideia de que paráfrase possa ser apenas substituição de termos por assimilação, tal qual um dos modelos de Fuchs, ou o modelo utilizado pela tradição textual. A ideia de que *x* sempre será *y* em determinadas condições é insustentável. A análise colabora para o entendimento de que o parafraseamento se dá na enunciação, no acontecimento do dizer.

As noções de paráfrase abordadas por Fuchs (1982, 1985), Pêcheux (1993, 2010, 2012) e Orlandi (2001), muitíssimo ricas para as teorias linguísticas, estão pensadas no funcionamento da linguagem, na prática linguística geral, e não como procedimento de descrição de um linguista. Quando é procedimento, não é o fato que se analisa, mas o meio de analisar. Quando é da ordem da prática linguística, tal como nos autores acima colocados, é aquilo que se analisa.

Para pensarmos o mecanismo de paráfrase no viés da Semântica do Acontecimento é preciso pensar que os sentidos de um determinado termo se dão pelas relações de sentido costuradas pelo/no acontecimento do dizer. E a paráfrase é um reagente: *x* reage bem ou mal ao parafrasear *y* em determinadas condições enunciativas, em determinada cena enunciativa.





O teste do parafraseamento é o mecanismo de manipulação de elementos linguísticos que o analista faz uso a fim de interpretar, de entender as relações de sentido de determinados enunciados¹.

Referências

FUCHS, Catherine. **La paraphrase**. Paris: Presses Universitaires de France. 1982

_____. A paráfrase linguística – equivalência, sinonímia ou reformulação? **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 8, p. 129-134. 1985

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**. Campinas-SP: Pontes. 2002

_____. Domínio semântico de determinação. In: Guimarães, E. & M.C. Mollica. **A palavra. Forma e sentido**. Campinas, Pontes. 2007

_____. A enumeração: funcionamento enunciativo e sentido. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 51, n. 1, p. 49-68. 2009.

_____. **Os limites do sentido: um estudo histórico e enunciativo da linguagem**. Campinas, Editora RG. 4 ed. 2010

_____. **Análise de texto: procedimentos, análises, ensino**. Campinas, SP: Editora RG. 2011

_____. Argumentatividade e argumentação. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**. V. 9, n. 2, p. 271-283 - jul./dez. 2013





LARA, Francineli Cezarina. Um Brasil sem fronteiras: a língua inglesa no espaço de enunciação do português do Brasil. Dissertação de Mestrado em Linguística. PPGL. UNEMAT. Cáceres. 2017

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 3ª ed. Campinas, SP: Pontes. 2001

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD69). In: GADET, S. HAK, T. (Org.). **Por uma Análise Automática do Discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. São Paulo: Unicamp, p. 61-105. 1993.

_____. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. **Papel da memória**. 3ª edição. Campinas: Pontes. p. 49-57. 2010

_____. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni P. Orlandi. 6ª edição. Campinas: Pontes. 2012.

Notas

ⁱ Agradecemos imensamente ao Prof. Dr. Eduardo Guimarães pelas contribuições ao ler e comentar esse trabalho.